



RELLÍS - REVISTA DE ESTUDOS DE LIBRAS E LÍNGUAS DE SINAIS

Núcleo de Ensino e Pesquisas em Libras On-line (NEPLI-On) da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Surdos Diabéticos e acesso linguístico na área de Saúde

Diabetic Deaf People and Linguistic Access in the Health Area

Luciane Rangel Rodrigues

Luciane Cruz Silveira

Andrea Carolina Bernal Mazacotte

RESUMO

O projeto foi criado em março de 2020 a partir de um grupo de diabéticos surdos, surdocegos e baixa visão, que diante da pandemia de covid-19 percebeu a falta de informação da área de saúde, com respeito ao diabetes, para os surdos, pela falta da Libras. Público-alvo: surdos não diabéticos, pré-diabéticos, diabéticos tipo 1 e diabéticos tipo 2. Não encontramos site, aplicativos ou outro sobre diabetes, em Libras. Duas autoras deste projeto, Luciane e Andréa, ambas surdas, são diabéticas. Não são profissionais da área de saúde; são professoras universitárias, uma de uma instituição federal e a outra, estadual. Mas passam informações básicas para que os surdos não arrisquem suas vidas durante a pandemia. E não apenas passam informações, mas muitos surdos as procuram para tirar dúvidas através das mídias e compartilham comentários após as lives ou postagem de material didático em Libras.

Palavras-chave: Diabéticos surdos, Libras, Ausência de informação.

ABSTRACT

The project was created in March 2020 from a group of deaf, deafblind and low vision diabetics, who, in view of the covid-19 pandemic, realized the lack of information in the health area, regarding diabetes, for the deaf, by lack of Libras. Target audience: non-diabetic deaf people, pre-diabetics, type 1 diabetics and type 2 diabetics. We did not find a website, apps or anything else about diabetes in Libras. Two authors of this project, Luciane and Andrea, both deaf, are diabetic. They are not healthcare professionals; they are university professors, one from a federal institution and the other from a state institution. But they provide basic information so that the deaf do not risk their lives during the pandemic. And not only do they pass on information, but many deaf people look for them to clarify doubts through the media and share comments after the lives or posting of teaching material in Libras.

Keywords: Deaf diabetics, Libras, Lack of information.

1 . INTRODUÇÃO

O seguinte projeto tem por autoras Luciane Rangel, diabética há 9 anos, e Andrea Carolina, diabética há 3 anos. Nenhuma das autoras é profissional da área de saúde. Todas são surdas.

Analisando as estatísticas, pode-se observar que o número de diabéticos tem crescido muito e que, daqui há uns 10 anos, esses números podem triplicar por conta da má alimentação que nós brasileiros temos e da vida sedentária, dentre outros fatores. Essa é a doença provocada por fatores externos, mas existe também a diabetes que é causada por questão da genética familiar.

Os ouvintes recebem muitos materiais impressos, vídeos e outros recursos em português, além de vídeos do YOUTUBE, porém nada disso é acessível em Libras. A maioria dos surdos não compreendem a língua oficial do Brasil: a língua portuguesa. Diante disso, procuramos passar aos surdos somente informações urgentes, pelo fato de não terem acesso a informações sobre o diabete em Libras, e não encontramos grupos de profissionais de saúde com orientações sobre diabetes, para esse grupo específico.

A Luciane Rangel resolveu explicar sobre diabete em Libras e orientar os surdos a partir do seu facebook, pois muitos surdos procuravam orientações sobre como tratar do diabete. Estes estavam mal informados, sem saber como se cuidar durante a pandemia. Alguns surdos a procuravam e depois faziam comentários no perfil do facebook. No momento era apenas fontes de informação para os surdos. Acontece que desde o início da pandemia, em março de 2020, os surdos diabéticos passaram a ficar estressados e ansiosos.

No dia 27 de março, uma surda chamada Andrea Carolina, que mora em Foz de Iguaçu, e é diabética tipo 2 há mais de 2 anos, conversou com a Luciane Rangel pelo WhatsApp e descobriu que esta também tem diabetes. Daí, passaram a trocar experiências. A ideia seria pesquisar e criar sinais com foco no diabete. No mesmo dia, criaram um grupo no facebook chamado “diabéticos surdos.” Sempre avisou-se aos surdos que não são profissionais da área de saúde.

Antes de pandemia, Luciane Rangel e Andrea Carolina ainda não haviam tomado essa iniciativa porque não existia ainda uma evidência palpável do interesse de pessoas surdas acerca do assunto e elas imaginam que estavam todos muito bem esclarecidos, haja vista que ambas são diabética e recebem bastante informação, leem e pesquisam por conta própria sobre o assunto. No entanto, devido ao isolamento social provocado em decorrência da pandemia, surdos que sabiam que Luciane era diabética começaram a procurá-la em busca de orientação.

Sendo do grupo de risco, havia um stress e um incômodo muito grande por parte das pessoas surdas, estando todos em quarentena e sem tomar banho de sol, o que é algo muito importante. Além do fator alimentação, que é inadequada na maior parte dos casos, o que motiva a Luciane a fazer esse trabalho de orientação. A prioridade era passar informações para os surdos nesse momento de quarentena sobre a importância da higiene pessoal, lavar as mãos, utilizando álcool em gel, utilização de máscara e procurar tomar sol em determinados momentos no dia para melhorar a imunidade; fazer atividades físicas, pois a pessoa diabética precisa disso. Mas, em casa, que tipo de atividade poderia ser feita? Subir e descer escadas, bicicleta ergométrica, pular corda e, em caso de atividade ao ar livre, então deveria se utilizar máscara e todos os cuidados devidos pois, no caso de contrair o coronavírus, possivelmente ter-se-ia que passar por todo processo de internação, algo muito delicado.

O fato de fazer parte de um grupo de risco não significa que os mesmos são debilitados e incapazes de viver normalmente. Isso é possível desde que se tenha controle sobre a doença. Nesse ínterim, Andrea fez uns vídeos detalhando tais questões e a Luciane começou a receber mensagens inbox e de vídeo. Luciane e Andrea relataram sua história e como aconteceu o diagnóstico de diabetes. Convidaram outros surdos diabéticos e pré- diabéticos que também postam vídeo em Libras sobre suas histórias, para compartilhar suas experiências. A surpresa foi grande ao descobrir a quantidade de surdos que sofrem com o problema.

Entretanto, já que não são profissionais da área da saúde, o que demanda grande responsabilidade e o primeiro questionamento é: por que então elaborar esse projeto? Andrea já vinha desenvolvendo pesquisas sobre o diabetes e ela continua pesquisando sobre o assunto. O foco dela é a criação de um vocabulário em Libras voltado para o assunto. Daí, resolveram criar essa parceria e dividir algumas responsabilidades porque ambas não têm muito tempo disponível por conta das demandas pessoais e acadêmicas.

Andrea começou a elaborar materiais didáticos e buscar materiais específicos em associações, estudar sobre o assunto e gravar. Ela preparava o material didático e Luciane gravava. Daí, utilizava informação do YOUTUBE sobre diabetes para repassar em Libras nas live, de forma espontânea, e não didática.

Tais postagens são específicas para os surdos, com conteúdo visual, compilado no YOUTUBE. O resultado é que diabéticos surdos começaram a convidar outros surdos e esse grupo tem aumentado a cada dia. Os ouvintes também entram, por curiosidade. Andrea tem toda uma preocupação com surdocegos, trabalhando com fundo preto, escolhendo a coloração das letras porque muitas pessoas com diabetes acabam ficando cegas depois de um tempo e nós precisamos nos preocupar com essa sinalização devagar. Então ela se preocupa com essa

questão didática.

Infelizmente nas escolas não se fala muito sobre isso e a família não tem acesso a língua de sinais. Daí, você cresce e se torna um sujeito que se alimenta mal e que não come legumes e verduras. O grupo do facebook não se limitou a esse tipo de informação. Não utilizamos da versão voz e não temos legenda. Não há tradução para o português porque o objetivo é atender a comunidade surda que se comunica prioritariamente através da Libras. Nosso foco é o povo surdo. Existem inúmeros grupos de diabéticos ouvintes e numerosos canais de informação para estes, mas para os surdos não tem, então reforçamos o porquê criar esse grupo.

O primeiro resultado no grupo do facebook apresentou 1.151 membros, dados recolhidos no dia 15/12/2020. Por gênero são: 64,8% mulheres, 35% homens e 2 % personalizados. A maioria tem idade entre 25 a 44 anos. A maioria é jovem adulto que está na primeira fase do problema.

O Brasil bateu recorde de 1.100 mil membros, além de alguns membros em outros países como Portugal, Chile, Angola, Estados Unidos, Alemanha e outros, geralmente surdos brasileiros que moram fora, mas não temos esses dados.

O estado brasileiro que tem maior quantidade de membros representados no grupo é o estado do Rio de Janeiro (165); em segundo vem São Paulo (118); logo depois vem Curitiba (40); dentre outros estados sendo representados também.

Figura 1: Logotipo criado pela autora Andrea



Fonte: Grupo do Facebook de Diabéticos Surdos

2. Libras no ambiente familiar

A Libras, língua de modalidade visuoespacial, é a língua natural própria do surdo, a sua primeira língua. A maioria das famílias de crianças surdas têm pais ouvintes que não sabem Libras. É muito importante que os pais aprendam a Língua de Sinais para propiciar melhor desenvolvimento intelectual e linguístico do surdo. A aquisição da Libras pela criança surda deve ocorrer o mais cedo possível para que ela não tenha perda cognitiva e tenha seu

desenvolvimento linguístico atrasado. De acordo com a Quadros (2005):

A modalidade das línguas: visual-espacial e oral-auditiva; Surdos filhos pais ouvintes: os pais não conhecem a língua de sinais brasileira; O contexto de aquisição da língua de sinais: um contexto atípico, uma vez que a língua é adquirida tardiamente, mas, mesmo assim tem status de L1; A língua portuguesa representa uma ameaça para os surdos; A idealização institucional do status bilíngüe para os surdos: as políticas públicas determinam que os surdos “devem” aprender português; Os surdos querem aprender na língua de sinais; Revisão do status do português pelos próprios surdos: reconstrução de um significado social a partir dos próprios surdos. (QUADROS, 2005, p.29)

Geralmente o acesso da criança surda à Libras se dá tardiamente, pois nem a família nem a escola oportunizam o encontro surdo-surdo e adultos surdos que sirvam como modelo e passem a ser referência para ela. É muito importante para o desenvolvimento emocional e intelectual da criança que as famílias, principalmente de pais ouvintes, conheçam a língua de sinais e entendam a importância das referências visuais para os surdos. E, para além disso, o bilíngüismo poderia ser explorado dentro do ambiente familiar, o que traria um intercâmbio de culturas e identidades surdas.

É uma identidade subordinada com o semelhante surdo, como muitos surdos narram. Ela se parece a um imã para a questão de identidades cruzadas. Esse fato é citado pelos surdos e particularmente sinalizado por uma mulher surda de 25 anos: aquilo no momento de meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificavam eles identificava a mim também e fazia ser eu mesma, igual. O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem. (PERLIN, 1998, p.54)

2.1 Libras na inclusão social

A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida para promover a inclusão social dos deficientes auditivos, para uma comunicação entre surdos e ouvintes, e entre os próprios surdos.

Segundo pesquisa do IBGE de 2010, a população de deficientes auditivos (pessoas com perda de audição) até então era de aproximadamente de 9,7 milhões de pessoas.

Vemos uma grande dificuldade na área de saúde na atenção às pessoas portadoras de algum grau de deficiência auditiva, causada por falta de comunicação, o que interfere no atendimento adequado a esse paciente. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), aproximadamente 15% da população brasileira possui algum tipo de deficiência auditiva. Quando comparamos o surdo com outros deficientes, seja físico ou visual, podemos perceber que este encontra maior dificuldade na interação com o profissional de saúde, pois a audição é fundamental para aquisição da língua. Devido à falta de conhecimento sobre suas limitações, o surdo é visto como rebelde ou como uma pessoa que não revela seus sentimentos e necessidades de forma clara. De acordo com o capítulo VII do Decreto de Lei nº 5.626/05 que trata da

“garantia do direito à saúde das pessoas Surdas ou com deficiência auditiva”, o atendimento às pessoas Surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), “bem como nas empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, seja realizado por profissionais capacitados para o uso de Língua de Sinais Brasileira (Libras).”

Com a promulgação das Leis 10.098 e 10.436 e do Decreto 5626/2005, que regulamentou a Lei sobre vários aspectos da vida do surdo, como saúde e educação, bem como a profissão de Intérprete de Libras, a sociedade se deu conta da falta de legislação que amparasse o surdo até então.

Foi em 2002 que o presidente da época aprovou a lei que reconhecia a Libras como uma língua para comunicação entre os surdos, e assim foi iniciada a inclusão; em 2005 foi assinado o decreto bem detalhado do que deve ser feito para uma educação inclusiva. Com isso, passou a ser obrigatório nas instituições de ensino a aplicação da língua para uma educação inclusiva. Mas apesar dos avanços em nossa legislação, a realidade nas instituições de ensino com surdos permanece inalterada, gerando exclusão. É necessário compromisso com a formação de profissionais na área, para que assim o processo de inclusão de surdos seja pleno.

Segundo IBGE (2010) o Brasil tem em média 9,7 milhões pessoas com algum grau de deficiência auditiva (com perda de audição). Sua dificuldade, gerando mal estar, é totalmente negligenciada numa sociedade preconceituosa e retrógrada de tal maneira que impossibilita sua acessibilidade por meio da oralidade. Tal fato se agrava de tamanho exponencial, tendo em vista que sua atenção no Sistema Único de Saúde (SUS), e as Instituições particulares é precária por conta da carência ou falta interesse de profissionais em se capacitar em Libras e assim oferecer um atendimento digno e humano. Dessa forma, precisam muitas vezes recorrer ao parente que por ventura venha lhe acompanhar para lhe auxiliar em sua jornada por cuidados clínicos, quando não se vê à mercê da boa vontade do seu atendente para lhe entender por métodos arcaicos, que é seu único meio de ação, acarretando numa situação humilhante, degradante e ingrata. Quando o mesmo não tem a “sorte” de ter o suporte familiar nestes momentos, ainda que esse direito lhe seja garantido na parte legislativa, no entanto não obtém o que lhe é previsto em lei.

O atendimento ao paciente surdo esbarra na falta de conhecimento que o profissional de saúde tem da Língua de Sinais, pois a comunicação verbal é o principal meio de interação entre pacientes e profissionais de saúde, com isso acaba trazendo milhares de dificuldades para um bom atendimento, uma boa prestação de serviço de saúde ao cliente, pois uma boa comunicação é importante para saber os sinais, as queixas do paciente, não ajudando apenas para o

diagnóstico, mas também para o tratamento. Percebemos isso no relato abaixo onde, no dia 20 de maio de 2020, uma das autoras, a Andrea Mazacotte contou uma das suas várias experiências de barreira na comunicação:

“Fui fazer uma consulta com a enfermeira, ela é nova, como de costume: aferir pressão e medir a glicemia. Minha pressão estava boa, mas a glicemia estava intermediária, mas para ela estava alta e começou a me fazer perguntas através da escrita, pois não sabia Libras. Como o tempo de manhã e de noite costumeiramente faz frio e calor à tarde, tenho frequentes crises de rinite alérgica devido ao clima. Os meus olhos estavam um pouco irritados e embaçados. Ela ficou preocupada e logo chamou o SAMU! Eu não entendi o porquê, já que não me sentia mal, apenas meus olhos estavam irritados. Chegou o SAMU, me levou ao hospital, e continuei sem entender o motivo, pois não era nada grave. Estava com a glicose em 233 mg/ml, o médico me observou e me receitou soro. Depois de me sentir sonolenta, fizeram um teste e baixou para 117 mg/ml. Quanta diferença! Mas ainda acho estranho ir urgente ao hospital por causa da glicemia que afetava os meus olhos, medo de ficar surdo cega. Com a falha na comunicação e sem dar tempo de usar a Central de Intérprete de Libras, fiquei sem comunicação. Chamei minha mãe, que me acompanhou ao hospital.” (20/05/2020)

O lado humano de qualquer atendimento, é deixado de lado, seja por: falta de interesse, ignorância, incompetência administrativa na formação dos profissionais capazes, para que não haja um desamparo dos que procuram ajuda no SUS. Porém, não é bem isso que acontece. Tal constrangimento e indignação forma o cotidiano que o deficiente auditivo se encontra, cada vez mais desamparado, sem um olhar mais atento e digno distante de si, na eterna busca por inclusão.

O Decreto 3.298/1999 regulamenta a Lei 7853/1989, e trata da política nacional de integração da pessoa portadora de deficiência física, designação dada também ao surdo nesta lei.

Art. 2º- Cabe aos órgãos e às entidades do Poder Público **assegurar à pessoa portadora de deficiência** o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, **à saúde**, ao trabalho, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à previdência social, à assistência social, ao transporte, à edificação pública, à habitação, à cultura, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, **propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico**.

É de grande importância que o profissional possua um conhecimento básico na Libras, para que assim consiga promover uma melhor prestação de serviços. O profissional com esse conhecimento acaba transmitindo maior segurança ao seu paciente, pois ele poderá se comunicar, expondo suas necessidades. O profissional lida diretamente com o paciente, mas não se pode esquecer que é de grande importância que toda equipe multiprofissional que lida

com esses pacientes possuam um domínio básico da Língua Brasileira de Sinais, com isso deve-se investir na capacitação dos profissionais de saúde e que os mesmos se dediquem para adquirir esse conhecimento.

Assim, torna-se de fundamental importância que o Ministério da Saúde promova campanha de esclarecimento da população sobre a surdez, principalmente na primeira infância, conscientizando as famílias, já desde a maternidade, da importância do aprendizado da Libras para o desenvolvimento adequado da criança surda, e que em parceria com o Ministério da Educação, faça o acompanhamento dessa criança, para que haja aquisição plena da Libras como primeira Língua.

Os estudos pesquisam a comprovação da aquisição e desenvolvimento de linguagem da criança ouvinte e surda. De acordo com Quadros e Cruz (2011):

O contexto linguístico em que a criança surda está inserida poderá ser determinante no seu processo de aquisição de linguagem, pois mesmo apresentando condições internas de adquirir a linguagem de forma natural e normal, como as crianças ouvintes, há possibilidade de atraso linguístico e/ ou sequelas devido à falta de input em uma língua à qual a criança tenha acesso complexo o mais cedo possível. Informações e estudos referentes ao processo de aquisição normal na língua de sinais necessitam ser compartilhadas com os pais, que muitas vezes desconhecem essa possibilidade e deixam de entender e de serem entendidos pelos filhos por um longo tempo. (QUADROS E CRUZ, 2011, p. 35).

3. Diabete em Libras: Informação e Comunicação

O diabete existe desde a antiguidade, os gregos e os romanos descobriam as pessoas que tinham diabete através da urina. Isto é, a pessoa que bebia algum líquido e rapidamente era expelido pela urina, conhecida como sifão. Os romanos davam o nome Mellitus que significa “doce”, em latim, pois o mel vinha na ilha da Malta, que naquela época se chamava de Mellita. Daí ser atualmente conhecido como Diabete Mellitus (Rubin, 2018, pag. 18).

Segundo o autor Rubin (2008) explica, o Diabete Mellitus (DM) é uma doença crônica, que afeta os órgãos principalmente o pâncreas. O pâncreas produz a insulina, que controla a glicose (açúcar) no sangue. O DM Tipo 1 acontece no nascimento, pois a criança já nasce sem pâncreas ou o pâncreas não têm como produzir a insulina, de forma que a glicose acaba permanecendo no sangue. O DM Tipo 2 acontece mais nos adultos por causa da má alimentação, sedentarismo e estresse, e como consequência disso o pâncreas não suporta e começa a diminuir a resistência, deixando assim a glicose no sangue. O pré-diabético é quando a pessoa que tem o nível de glicose muito alto mas ainda não chegou ao pico de diabete, precisando estar alerta aos cuidados com a saúde.

Informações sobre diabetes chegam com dificuldades para os surdos, é difícil ter acesso a este conhecimento. A maioria não sabe realmente o que é diabetes e como se cuidar. As professoras de Libras, Andréa e Luciane, ambas surdas, têm diabetes tipo 2, e sempre trocam ideias e informações. Ambas pensam nos surdos brasileiros: será que eles têm este conhecimento? Por isso, criaram o Grupo Diabéticos Surdos, no Facebook, com o objetivo de divulgar as informações sobre diabetes. As administradoras não são médicas, e sim professoras, ajudando os surdos a ter informações em Libras.

Os surdos brasileiros têm como primeira língua a Libras e a segunda língua a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, de acordo com a lei nº 10.436/2002. Quando os surdos vão a lugares públicos para obter informações ou necessitam se comunicar, é fundamental que tal empresa, por exemplo um hospital ou UBS (Unidade Básica de Saúde), tenha alguém que possa garantir a segurança de informação sobre qualquer doença. De acordo Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015, no Artº3:

V - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações.

Não ter esse acesso compromete o bem estar do cidadão surdo. A tecnologia pode ajudar, conforme o “Art 9º: V - acesso a informações e disponibilização de recursos de comunicação acessíveis; (LBI, 2015)”. Na realidade, no Brasil infelizmente não estão levando a sério o compromisso com a lei, são poucas cidades que tem Central de Intérprete, alguns lugares aceitam, outros não o Tradutor e Intérprete de Libras e de Língua Portuguesa (TILSP) na consulta médica e são pouquíssimos profissionais que sabem Libras.

4. METODOLOGIA

No início foi feita uma pesquisa bibliográfica, analisando os materiais didáticos sobre diabetes. Tem vários materiais no site da Associação Brasileira de Diabetes e de outras associações de diabetes. Adaptamos e usamos de forma básica e acesso visual para que os surdos possam ter acesso a tais informações.

Elaborar materiais didáticos sobre diabetes, básico, adaptado e usar material impresso encontrado no site da associação brasileira de diabetes e materiais específicos das associações.

Gravação de vídeos sobre diabetes em postagens específicas para os surdos, de forma

didático-visual, sem versão voz e sem legenda, com nenhuma tradução para o português.

Criar um questionário fechado no google, com dados pessoais: nome, sexo, idade, escolaridade, tipo de diabetes, se é surdo ou surdocego, bilíngue, oralizado ou sinalizante, cidade, estado, além de 9 perguntas em Libras para ser respondidas em português. Foram elas:

- Como você descobriu o grupo de facebook de diabéticos surdos?
- Você conhece algum médico endocrinologista que sabe Libras?
- Você é bem informado pelos médicos?
- Como você se comunica com o médico?
- Você conseguiu entender o que é diabetes e aprendeu como cuidar da saúde no grupo diabéticos surdos?
- A Libras ajuda muito você?
- Qual sua opinião sobre o grupo “diabético surdo”?
- Se você é diabético, o que você faz? (pode ser mais de uma opção)
- Há quanto tempo está com diabetes?

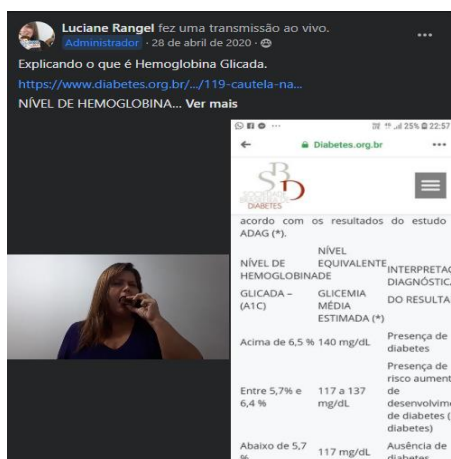
5. RECURSOS MATERIAIS

Andrea tem elaborado esses vídeos, fazendo questão de se preocupar com a parte didática, além da preocupação com surdos e cegos, trabalhando com fundo preto, escolhendo a cor da fonte devidamente, porque as vezes pessoas com diabetes acabam ficando cegos com o tempo, com a idade. Então precisamos nos preocupar com essa sinalização ser feita devagar e essa é a grande preocupação didática dela.

Figura 2: Vídeo de material didático de diabetes em Libras gravado e editado por ela.



Figura 3: Live ao vivo sobre nível de hemoglobina glicada



Fonte: grupo do facebook de Diabéticos Surdos

No Rio de Janeiro, na cidade de Niterói, a APADA (Associação de pais e amigos dos deficientes auditivos) pediu para que Luciane gravasse um vídeo simples explicando e transmitindo algumas informações sobre a diabetes. Surdos e ouvintes assistiram o vídeo, aproveitando para aprender sinais e, assim, o vídeo acabou servindo para outros objetivos também. A professora Suzana pediu para que fossem passadas essas informações também ao CAS – Central de Atendimento aos Surdos de Maceió.

Figura 4: Apresentação de vídeo sobre diabete em libras para o Instagram da APADA de Niterói



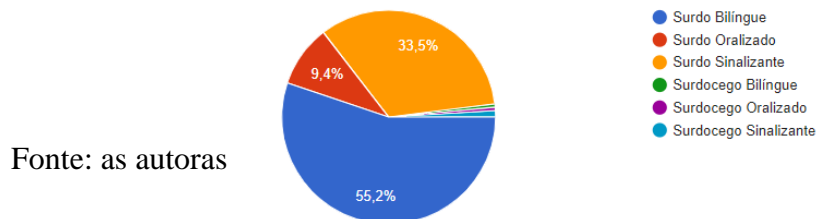
Fonte: Grupo do Facebook de Diabéticos Surdos

6. RESULTADO E DISCUSSÃO

Respostas para as perguntas do questionário, criado no formulário google.

O resultado são os dados informados pelo grupo do facebook de diabéticos surdos apenas depois das respostas. Juntamos os dados e analisamos que 203 pessoas responderam as perguntas no formulário, em Língua Portuguesa. São 62,1% mulheres e 37,9% homens.

Figura 5: Você é surdo/a ou sudocego/a?

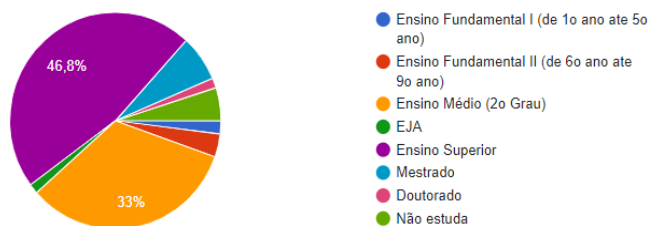


Fonte: as autoras

A maioria (55,2%) são surdos bilíngues, isto é, um surdo que sabe as duas línguas (Libras e Língua Portuguesa); 33,5% são surdos sinalizados, ou seja, surdos que sabem apenas a Libras, e 9,4% são surdos oralizados.

Os surdos que responderam são brasileiros, a maioria com idades entre 36 e 39 anos, pois são adultos, o mais velho com 73 anos e o mais novo com 19 anos de idade.

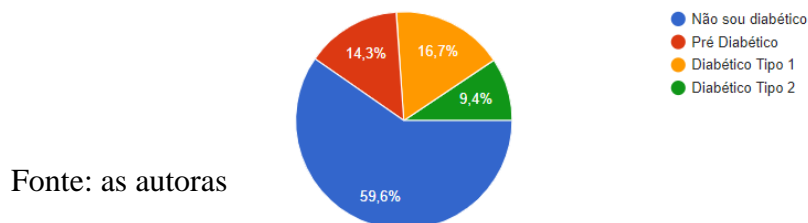
Figura 6: Grau de escolaridade (estudo)?



Fonte: as autoras

Percebemos que 46,8% dos surdos concluíram o ensino superior e 33% se formaram no ensino médio.

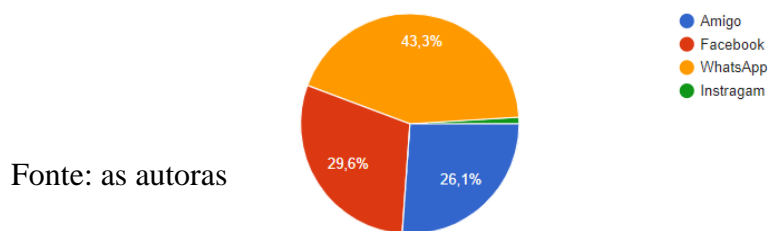
Figura 7: Qual tipo de diabéticos?



Fonte: as autoras

Dentro desta pesquisa, a maioria não tem diabetes, mas estão interessados em aprender para se cuidar ou ajudar familiar ou amigo que tem diabetes. Sabe-se que o Diabetes Mellitus (DM) tem 3 tipos (o mais conhecido: DM Tipo 1, DM Tipo 2 e Pré Diabetes); daí, na pesquisa são: 16,7% os que tem Diabetes Tipo 1; 14,3% tem pré- diabetes, e 9,4% tem diabetes tipo 2.

Figura 8: Como você descobriu um grupo de facebook de diabéticos surdos?

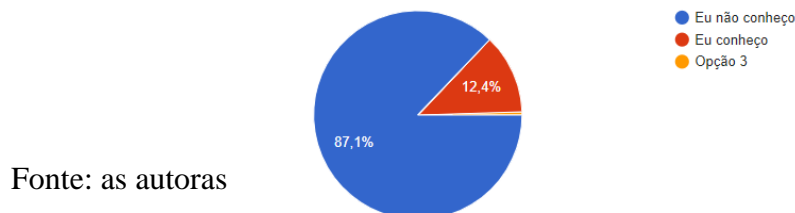


Fonte: as autoras

Atualmente, com o avanço da tecnologia, os surdos usam as mídias para ter acesso a informação e para se comunicar. Com a criação do grupo no Facebook "Diabéticos Surdos", a maioria ficou sabendo, de acordo com os seguintes dados: 43,3% pelo Whatsapp, 29,6% pelo Facebook, 26,1% foi indicação de um amigo e 1% pelo Instagram .

No quesito área de saúde, quando os surdos vão no médico, acontece que:

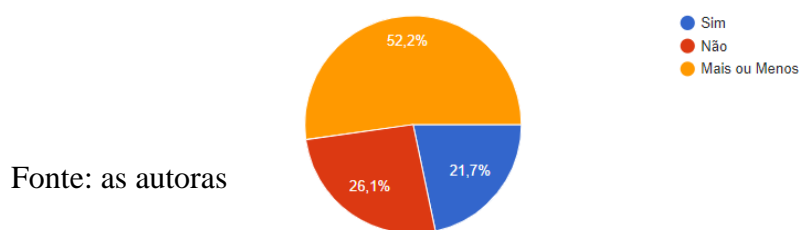
Figura 9: Você conhece médico endocrinologia que sabe Libras?



Fonte: as autoras

Entre os médicos especialistas em endocrinologia: 87% não sabem Libras e 12,4% conhecem Libras.

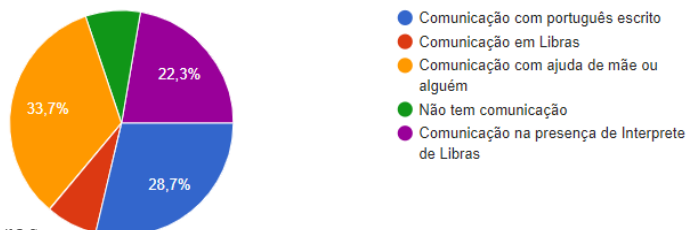
Figura 10: Você é bem informado com os médicos?



Fonte: as autoras

Durante a consulta médica, 52,2% entenderam mais ou menos o que medico explicou sobre saúde e diabete, e 26,1% não entendeu nada. Apenas 21,7% entenderam o que o medico explicou sobre diabetes.

Figura 11: Você se comunica com médico em Libras?



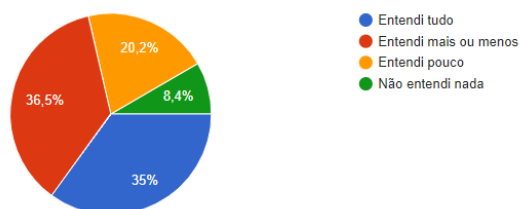
Fonte: as autoras

Numa consulta médica com surdos, a maioria (33,7%) traz mãe ou alguém da família ou amigo para ajudar na comunicação com o médico. Com isso, perdem a privacidade e o conforto durante a consulta. 28,7% se comunicam com o médico através da escrita em Língua Portuguesa, o que não é fácil, passar para o papel o que se sente, também ficando limitado de informação. E 22,3%, com a presença de TILSP na consulta, foi ajudado a entender e sentir tranquilidade no atendimento.

Percebe-se que os médicos não sabem Libras e fica difícil passar as informações certas para pacientes surdos diabéticos. Eles continuam com muitas dúvidas, pois não fica tudo claro, ficam preocupados e ansiosos. Quando levam a família para consulta, por exemplo, a mãe conversa com médico, que explica resumidamente para o paciente surdo do que se trata e este permanece com dúvida e ansiedade por obter informações certas. Com a presença do Tradutor e Intérprete de Libras (TILSP), como uma fonte de comunicação entre médico e paciente surdo, sente liberdade para tirar dúvidas e organizar uma vida saudável.

Quando os surdos diabéticos viram no facebook "Diabéticos Surdos", que têm informações em Libras, o resultado:

Figura 12: Você conseguiu entender o que é diabete e apendeu como cuidar da saúde no grupo diabéticos surdos?



Fonte: as autoras

Figura 13: Libras ajuda muito você?

Fonte: as autoras

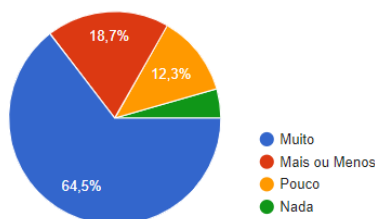
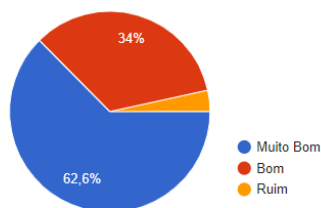


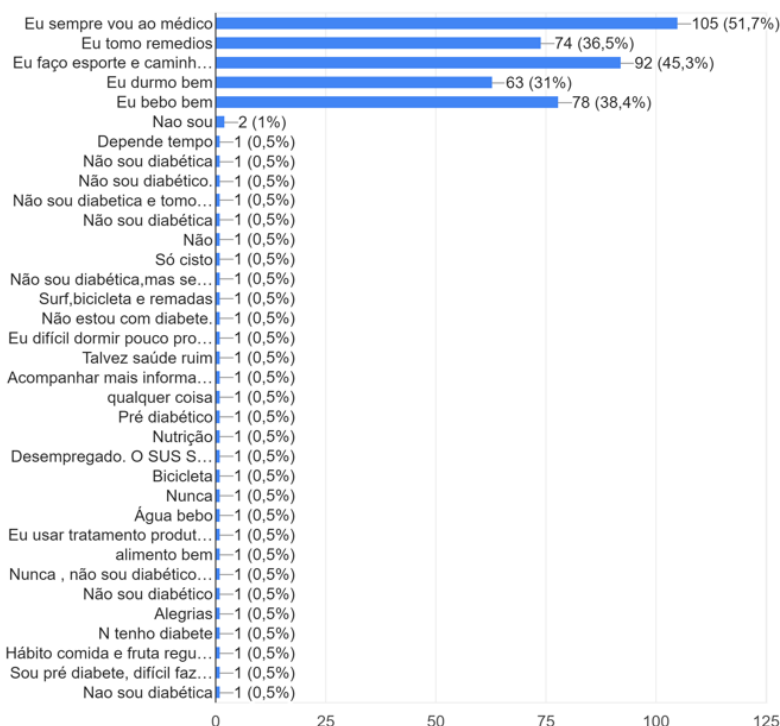
Figura 14: O Grupo diabético surdo é?

Fonte: as autoras



Observamos nos 3 quadros acima, como as várias informações de vídeos em Libras e material didático os ajuda a entender mais sobre diabete e como se cuidar. Ainda falta mais pesquisa ou estudo sobre diabete e precisa-se melhorar a organização para que todos os surdos possam entender.

Figura 15: Se você é diabético, o que você faz? (pode um ou mais opções)



Fonte: as autoras

Separou-se por grupos os surdos os que não têm diabetes e os que têm Pré diabetes, Diabetes DM1 e DM2, priorizamos os surdos com diabetes e pré diabetes, e encontrou-se os seguintes resultados:

O questionário foi respondido por 203 pessoas, no entanto, foram retiradas aquelas que não tem o problema (cerca de 82 surdos). Restaram 121 entre diabéticos ou pré-diabéticos.

Destes, 29 surdos têm pré diabetes, 34 tem diabetes tipo 1 (DM1) e 19 tem Diabetes tipo 2 (DM2). Entre a descoberta e o tempo com pré diabetes foi encontrado o seguinte: 6 surdos que não souberam responder; três surdos, há 1 ano; dois surdos no início do pré diabetes, um descobriu há 2 meses, outro há 1 ano e meio; outros entre 2 e 5 anos; 2 surdos há 10 anos. Outro entre 13 e 14 anos, com pré diabetes, sendo bem cuidado; 1 surdo há menos de 1 mês, outro há 5 meses, e ainda outro há 3 ou 4 anos.

Encontramos 34 surdos com DM1. Destes, 3 surdos não souberam responder por quanto tempo estão com o problema; dois há 3 e 9 anos; outros surdos convivem com o diabetes há 1,4, 8, 11, 15 e 30 anos. E a maioria há 2, 6, 7, 10, 14, 17, 22, 23 e 24 anos.

Temos 19 surdos com DM2, sendo que 2 surdos não souberam responder por quanto tempo convivem com o problema e a maioria tem tempos diferentes: há 7 dias, 4 e 7 meses; outro há 1 ano e meio; outros há 5, 6, 8, 9, 10, 11, 15, 16, 20 e 23 anos convivendo com DM2. O tempo geral foi de 30 anos.

Grupo de surdos pré-diabéticos: a maioria está praticando atividades físicas, tomando água e medicamentos. Pouco surdos vão ao médico. Um surdo pré-diabético que está desempregado, vai no SUS, mas este está em falta de atendimento e com isso dificulta o tratamento. Tem uma surda que tem triglicérides alta e não sabe como cuidar, está fazendo regime, mas é difícil.

Outro grupo de surdos, com diabetes tipo 1 (DM1), vão ao médico e seguem a receita médica, estão fazendo “tratamento”, mas 7 surdos não fazem atividades físicas. Tem uma surda que está fazendo tratamento com vitaminas há 2 anos. Em média, poucos surdos praticam atividades físicas, bebem água e dormem bem. Difícil ver os surdos respeitarem todas as informações importantes para cuidar da saúde e do diabetes. A maioria só vai ao médico e toma medicamento.

No grupo de surdos com Diabetes tipo 2 (DM2), a maioria vai ao médico e tomam medicamentos, segundo eles, praticam esporte, estão bebendo água e dormindo bem. 4 surdos que só tomam remédios, mas não fazem atividades físicas, tem uma surda de 35 anos de idade que tem insônia. Percebe-se neste grupo a preocupação em cuidar da saúde, ir ao médico, fazer

tratamento e seguir uma alimentação saudável e esportes.

Fechando os dados, quem tem Diabetes 1 e 2, sempre precisa ter cuidado com a saúde, principalmente com a Alimentação, atividades físicas, beber água e medicamentos. É importante ir ao médico endocrinologista e nutricionista para estar controlando a glicemia glicada. Se não cuidar pode ter consequências graves. Percebemos que os surdos vão ao médico, mas sentem dificuldades principalmente com a barreira linguística, precisam escrever ou um familiar ajudar na "tradução" e poucos conseguem ter intérprete de Libras. Em plena pandemia, o atendimento se complicou e gerou mais dúvida, angústia e ansiedade, e isso não é bom para saúde e precisa ser controlado.

Andrea tem elaborado esses vídeos, fazendo questão de se preocupar com a parte didática, além da preocupação com surdos e cegos, trabalhando com fundo preto, escolhendo a cor da fonte devidamente, porque as vezes pessoas com diabetes acabam ficando cegos com o tempo, com a idade. Então precisamos nos preocupar com essa sinalização ser feita devagar e essa é a grande preocupação didática dela.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, alcançou-se o objetivo de passar informação para o grupo de surdos no facebook e pelo volume de chamadas na web, pelo inbox do facebook, WhatsApp, Skype, dividido entre Luciane Rangel e Andrea Carolina. Recebemos mensagens de pessoas preocupadas com a sua saúde, explicamos detalhes básicos, orientação para tomar sol, descanso e sono de horas adequadas, boa alimentação de baixo carboidrato, controle a emoção e equilíbrio da mente, física, psicológica e emocional. Além de orientação no uso de máscara, gel, lavar bem as mãos e evitar aglomeração por ser grupo de risco, para evitar pegar covid-19. Estas são informações muito importantes para os surdos pré-diabéticos e diabéticos tipos 1 e 2, para não arriscarem sua saúde durante a pandemia e aconselhamos que vão aos médicos, sigam seus conselhos sobre remédios e alimentação adequada para cada diabéticos. Por enquanto, nós somos informantes durante a pandemia até achar um grupo de profissionais de saúde em Libras para montarem seus trabalhos específicos. Ajudamos eles na web, a maioria encontra-se desesperado e ficam sem saber o que fazer, como se cuidar e outros. Alguns foram ao médico mesmo sem Libras, não entenderam nem compreenderam que tipo de alimentação, medicamento e esporte que eles devem fazer. Na educação de surdos, nas escolas, devem ter material sobre cuidados de saúde em Libras em todas as séries, para os alunos estarem cientes da importância da alimentação, equilíbrio emocional, tomar sol como fonte de vitamina D para ganhar energia, bom sono e praticarem esporte. Os surdos cuja família é ouvinte, não tem acesso

de Libras em casa, não conversam sobre a importância da alimentação e cuidados básicos. Os profissionais da área de saúde devem fazer capacitação na visão antropológica do surdo, aprender Libras para ser fluente e aprender os sinais específicos de diabetes, abrindo espaço para os surdos se manterem informados, orientando como evitar pegar diabetes e seu tratamento. Também criar sites ou qualquer tipo de mídia focado no diabetes em Libras, para que o povo surdo possa acessar sem barreira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Libras nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso no dia 25 de janeiro de 2021.

BRASIL. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso no dia 25 de janeiro de 2021.

BRASIL. Decreto 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9656.htm. Acesso em dia 25 de janeiro de 2021.

BRASIL. Lei de Acessibilidade. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm. Acesso em 08 de novembro de 2020.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), Nº 13.146/ 2015 – Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm . Acesso em 25 de janeiro de 2021.

BRASIL. Decreto nº 9.656/2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9656.htm. Acesso em 23 de maio de 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>, acesso em 20 de julho de 2021.

QUADROS Ronice Muller de. Educação de surdo: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice de Quadros. O 'bi' em bilingüismo na educação de surdos. 1ed. Porto Alegre: Editora Mediação, v.1, 2005.

PERLIN, G. Identidades Surdas. Em Skliar, Carlos (org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Editora Mediação. Porto Alegre.1998.

RUBIN, Alan L. Diabetes para Leigos. Rio de Janeiro, Editora Alta Books, 2008.